

# O médico, a fé e os operários: militância comunista entre traumas, interditos e narrativas históricas

The doctor, the faith and the workers: communist militancy between traumas, interdicts and historical narratives

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro\*

**Resumo:** O presente artigo pretende abordar questões relativas a traumas e interditos acerca da militância comunista em narrativas históricas. Como mote para sua abordagem, o texto apresenta um grupo de trabalhadores têxteis do município de Magé, estado do Rio de Janeiro, como objeto de estudo e propõe analisar as variadas deferências ao médico comunista Irun Sant'Anna em entrevistas de história oral. A partir do debate sobre memórias e identidades, em diálogo com as proposições de E. P. Thompson e Mike Savage sobre processos de formação de classe e idealizações recorrentes de quem pesquisa a temática, o artigo busca evidenciar e discutir elementos complexos do grupo operário, analisado, visando aprofundar reflexões mais abrangentes relacionadas ao estudo sobre história do trabalho no Brasil.

**Palavras-chave:** formação de classe; comunismo; trabalhadores têxteis.

**Abstract:** This article aims to address issues related to traumas and interdictions about communist militancy in historical narratives. As a motto for its approach, the text presents as an object of study a group of textile workers from the city of Magé, State of Rio de Janeiro, and proposes to analyze the varied deferences to the communist doctor Irun Sant'Anna in the interviews of oral history. Based on the debate on memories and identities, in dialogue with the propositions of E. P. Thompson and Mike Savage on processes of class formation and recurrent idealizations of those who research the theme, the article seeks to highlight and discuss complex elements of the analyzed group of workers, aiming to deepen broader reflections, related to the study of the labor history in Brazil.

**Keywords:** class formation; communism; textile workers.

---

\* Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC-FGV. Professor Adjunto de História na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: feliperibeiro@phb.uespi.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1258-6550>.

## Introdução

(...) O sindicato é que lutava em defesa dos trabalhadores, das leis trabalhistas, né. E eu me envolvi, não saía do sindicato. Aí veio partido político e tinha comício, uma porção de coisas, eu tava sempre envolvida junto... Ainda tenho o retrato do médico, meu amigo, tá ali... Meu amigo, ele era médico sanitário aqui em Magé (...) Irun Sant'Anna. Então tinha os comícios, né, eu estava sempre junto. Tudo que era da luta dos trabalhadores, eu tava junto. Reunia por aí pela campanha de petróleo, não sei mais o quê... Eu tava junto! (...) Graças a Deus, eu sempre fui muito respeitada, porque a minha coisa era assim: era o bem do trabalhador. E até hoje ainda sou. Ainda mais agora com a palavra de Deus. Ajuda, né. (...) Naquele tempo, os comunistas, né... Tinha os comunistas, né. Mas eu nunca me considerei comunista. Eu sempre gostei das lutas. Mas vivia no meio deles, né... E esse médico era político mesmo. Era lutador mesmo. (...) E ele era muito meu amigo. Então quando veio a cassação, cassaram o mandato... Acabou... Cassaram o mandato dos partidos... Acabou o partido... Então as pessoas se reuniam escondido, né. Então, quantas vezes os companheiros reuniam aqui na minha casa (...).<sup>1</sup>

**A**S FALAS da ex-tecelã Lúcia de Souza sobre as lutas da categoria têxtil e a sua própria trajetória individual podem sugerir, em uma análise mais precipitada, que se trata de uma operária com passado atuante na militância comunista, mas que de algum modo teria construído uma narrativa de minimização do protagonismo da classe trabalhadora em detrimento da atuação de um médico, que era “político mesmo”, “lutador” e “amigo”. Também poderia dar a impressão de que a antiga operária teria incorporado certos elementos do discurso anticomunista ao não se considerar uma militante do Partido Comunista do Brasil (PCB),<sup>2</sup> talvez até por suas referências religiosas, como deixou transparecer durante a entrevista.

Nascida e criada no município de Magé, estado do Rio de Janeiro, Lúcia de Souza começou a trabalhar em uma fábrica de tecidos ainda na adolescência, aos 14 anos, fato comum à época. Era meados da década de 1930 e ser tecelão configurava como a principal oportunidade de emprego para a maioria dos moradores da cidade.

Relatórios da Comissão Executiva Têxtil (CETex), publicados em 1946, por exemplo, indicavam que Magé possuía 5 mil operários registrados em quatro unidades fabris, sendo 1.586 na Fábrica Andorinhas, 1.289 na Fábrica Santo Aleixo, 1.109 na Fábrica Pau Grande e 1.068 na Fábrica Mageense.<sup>3</sup> Certamente havia subnotificação nesse quantitativo. De todo modo, é possível comparar esses 5 mil operários com os 23 mil habitantes que

1 Entrevista de Lúcia de Souza concedida a Taiane Linhares, junho de 2012, durante a produção do documentário *Tear*. Acervo: Taiane Linhares. Parte dessa entrevista foi utilizada em dois produtos audiovisuais vinculados ao mesmo projeto, um curta e um longa-metragem homônimos. Cf. *TEAR*. Taiane Linhares. Documentário, 2013. Disponível em: <http://www.doctear.com.br/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

2 O PCB foi fundado em 25 de março de 1922, originalmente com o nome de Partido Comunista do Brasil. No ano de 1960, após um congresso realizado pelo partido, foi decidida a alteração do nome da legenda para Partido Comunista Brasileiro, mantendo-se a sigla PCB. Em 1962, um grupo dissidente formou outra agremiação partidária, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

3 CETex. Indústria Têxtil Algodoeira. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946. p. 322-323.

Magé possuía em 1940.<sup>4</sup> Verifica-se que 21% dos moradores do município trabalhavam diretamente na indústria têxtil. A relevância desse polo industrial perdurou até a década de 1970, quando algumas dessas fábricas começaram a encerrar suas atividades em um processo de desindustrialização que durou até o final da década de 1990, quando sua última fábrica fechou as portas. Vale dizer que a forte presença da indústria têxtil na cidade, desde a segunda metade do século XIX, marcou gerações de famílias operárias dentro e fora do espaço de trabalho, tecendo múltiplas memórias e identidades a partir da centralidade do trabalho fabril.<sup>5</sup> Obviamente que, diante do processo de desindustrialização vivenciado pela população local, as tensões e mesclas dessas identidades se intensificaram sob a ameaça de “mutilação e dissolução de suas referências materiais e simbólicas, com o passar dos anos”.<sup>6</sup>

Nesse sentido, as falas e a trajetória da operária Lúcia de Souza tornam-se um instigante ponto de partida para as reflexões propostas no presente artigo, que visa discutir sobre traumas e interditos nas memórias operárias, analisando suas influências em narrativas históricas dedicadas ao estudo do PCB e, de forma mais abrangente, em estudos sobre as esquerdas, o movimento sindical e os mundos do trabalho no Brasil como um todo.

Diversas pesquisas apontam para as “ambiguidades, contradições e oscilações do Partido Comunista”, particularmente diante das mobilizações de base operária e popular a partir da Segunda Guerra Mundial, chegando a ganhar força a expressão “dois PC’s”.<sup>7</sup> Inevitavelmente, a clandestinidade imposta ao partido em diversos momentos desde o início de sua história ajuda a esmiuçar parte dessas ambiguidades, mas não todas. Estudos mais dedicados a compreender a atuação e os dilemas da direção partidária, indicam que nesse período o PCB vivia uma dramática luta interna que afetava a própria identidade do partido, oscilando afastamentos e aproximações de sua militância às demandas cotidianas da população, aspecto que potencialmente poderia favorecer alguns enraizamentos locais. “Qual deveria ser o comportamento dos comunistas num regime liberal-democrático? Quem era o público-alvo do PCB? A classe operária ou todo o povo brasileiro? O PC deveria ser um partido de quadros ou um partido de massas?”<sup>8</sup>

Por outro lado, pesquisas dedicadas a estudos de caso sobre a atuação do PCB pelo país, sobretudo fora das capitais estaduais, ressaltam que muitas dessas ambiguidades acabam diluindo-se nas narrativas históricas, reforçando uma imagem do PCB mais ligada à história do comitê central, “como se a disciplina partidária transformasse a legenda em uma

4 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Regional Parte XV – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1951. p. 51.

5 MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. **Identidade, memória e história em Santo Aleixo**: aspectos do cotidiano operário na construção de uma cultura fabril. Curitiba: Appris, 2019. p. 213.

6 PIMENTA, Ricardo Medeiros. **Retalhos de memória**: lembranças de operários têxteis sobre identidade e trabalho. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 116.

7 NEGRO, Antonio Luigui. Um PCB é pouco, dois é bom, três é demais: a participação operária na política do pós-guerra. In: **História**, São Paulo, 2002. v. 21. p. 256.

8 PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros**: história e memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Fundação Roberto Marinho, 1995. p. 176.

correia de transmissão em que as ordens partiam do topo e chegavam facilmente à base e os únicos ‘desvios’ nessa trajetória eram as dissidências consagradas na historiografia”.<sup>9</sup>

Vale dizer que diversos lugares no Brasil e no mundo receberam o apelido de “Moscuzinho”, em uma referência à capital da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), seja por conta de ostentar uma militância comunista aguerrida ou mesmo por resultados eleitorais expressivos.<sup>10</sup> Magé era uma dessas cidades consideradas como “pequena Moscou” e a operária Lúcia vivenciou o contexto de efervescência que motivou o surgimento desse apelido.

Considerando-se uma operária que “não corria de trabalho” e que “fazia o seu serviço direitinho”, a jovem Lúcia de Souza também se inquietava com as privações vividas pela maioria dos seus pares que labutavam nas indústrias têxteis. Talvez por isso, tenha ingressado nas fileiras do PCB e se tornado uma militante fervorosa na luta por justiça social, engajada em greves e lutas sindicais. Não só ela, mas boa parte de sua família atuou no partido. Seu tio Euzébio de Souza, também tecelão, chegou a fraturar o antebraço ao tentar proteger o orador de um comício, realizado em protesto contra a cassação dos vereadores comunistas do município, em 1949. A manifestação foi duramente reprimida e a situação ocorreu na tentativa de agressão policial com uma coronhada de fuzil. O orador em questão era o médico Irun Sant’Anna.

O “Doutor Irun”, como era conhecido em Magé, atuou não apenas nas mobilizações operárias entre as décadas de 1940 e 60, mas indiretamente também influenciou no processo de transformação das memórias subterrâneas desse grupo de trabalhadores em expressões públicas, por meio da história oral. Quando publicou seu primeiro livro, intitulado *Brasil: País sem Futuro?*, em 1997, onde abordou diversos temas e dilemas da sociedade brasileira, Irun Sant’Anna detalhou a atuação de lideranças comunistas de Magé em um tópico sobre sua militância, nas considerações finais da obra. “Em 1940 fui nomeado como médico malariologista para trabalhar em Magé. Este era, então, um município com características rurais, mas com atividade industrial têxtil predominante”.<sup>11</sup>

Para o médico, Lúcia de Souza foi uma destacada líder operária, tendo lhe escondido por duas semanas em sua casa quando, durante uma greve, a polícia lhe procurava. Mais adiante reforçou o episódio do comício recordado pela operária. “Seu tio Euzébio fraturou o antebraço ao me defender contra uma coronhada de fuzil em comício reprimido violentamente, no qual eu era o orador”.<sup>12</sup>

9 TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **A “Moscuzinha” brasileira**: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007. p. 72.

10 Ibidem; SILVA, Diego Carvalho da. **Partidos e alianças políticas na “Moscuzinho do Brasil”**: os comunistas e as eleições municipais de outubro de 1947 em Jaboatão-PE. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017; RIBEIRO, Felipe. **Memórias da Moscuzinho**: os tecelões de Santo Aleixo e a liderança de Astério dos Santos. Jundiá: Paco Editorial, 2016; BARRETO, Gilvan. **Moscuzinho**. Recife: Tempo d’Imagem, 2012; MANGABEIRA, W. Memories of “Little Moscow” (1943-64): study of a public housing experiment for industrial workers in Rio de Janeiro, Brazil. In: **Social History**, Londres, v. 17. n. 2. p. 271-287, 1992; e MACINTYRE, S. **Little Moscows**: communism and working-class militancy in inter-war Britain. London: Croom Helm, 1980.

11 SANT’ANNA, Irun. **Brasil: país sem futuro?** Rio de Janeiro: Imprimatur, 1997. p. 154.

12 Ibidem, p. 155.

A repercussão desse livro na cidade estimulou tanto pesquisadores e pesquisadoras sobre a temática, quanto trabalhadores e trabalhadoras com disposição para registrar suas memórias por meio de entrevistas. Até então, os registros orais desse grupo de trabalhadores têxteis sobre suas experiências de luta por direitos e vinculações político-partidárias eram raros e quase todos concedidos sob anonimato e até certa desconfiança. “Você vai fazer uma prova e contar sobre a vida da gente lá na universidade?”,<sup>13</sup> questionou uma trabalhadora têxtil à pesquisadora Sônia Maria Gonzaga de Oliveira, responsável por um dos estudos pioneiros na cidade, quando realizou trabalho de campo no distrito de Santo Aleixo, entre os anos de 1979 e 1982, entrevistando dezenas de trabalhadores têxteis.

Mais tarde, essa pesquisa teve como desdobramento sua dissertação de mestrado, defendida em 1992 e orientada pelo antropólogo José Sérgio Leite Lopes, uma das principais referências para o estudo sobre trabalho têxtil no Brasil. Para além do inovador estudo que vinha desenvolvendo, o trabalho de campo realizado por Sônia Gonzaga foi bastante marcado pelo período de crise que testemunhou, com o início do processo de desativação da Fábrica Santo Aleixo. Vale ressaltar que, anos antes de sua chegada à Magé, a Companhia América Fabril, proprietária da Fábrica Pau Grande, também no município, havia solicitado sua concordata, em 1971, provocando paulatinamente o fechamento de suas unidades, ainda que em meio a tentativas frustradas de reativação.<sup>14</sup>

No início da década de 1980, a operária Lúcia de Souza – então com 53 anos – casou-se com Manoel Ferreira de Lima, um migrante nordestino, ex-tecelão em Magé, atuante no movimento sindical da categoria entre as décadas de 1930 e 50, membro da Igreja Batista e antigo militante do PCB. Por conta de sua atuação no sindicalismo têxtil, Manoel Ferreira foi eleito vereador da cidade em 1954, depois dedicou-se com entusiasmo às lutas pela terra no município e tornou-se uma destacada liderança camponesa, fundando e presidindo a associação de lavradores local, criada em 1956, e o seu respectivo sindicato, organizado em 1962. Chegou inclusive a ocupar a presidência da Federação das Associações de Lavradores do Estado do Rio de Janeiro (FALERJ) e a vice-presidência da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB). Devido a sua atuação política, desde 1962 passou a ser duramente perseguido, sendo detido diversas vezes. Inclusive, seu caso foi apontado pelo projeto Brasil Nunca Mais (BNM) como “o mais antigo a apurar episódios ligados ao meio rural” dentre os processos que compõem o acervo.<sup>15</sup> Após a deposição do presidente João Goulart, em 1964, Manoel Ferreira de Lima foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional (LSN) e só retornou à militância ao final dos anos de 1970. Para o médico Irun Sant’Anna,

13 OLIVEIRA, Sônia Maria Gonzaga de. **Montanhas de pano: fábrica e vila operária em Santo Aleixo**. 1992. Tese (Mestrado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1992. p. 30.

14 WEID, Elisabeth von der; BASTOS, Ana Marta Rodrigues. **O fio da meada: estratégia e expansão de uma indústria têxtil - Companhia América Fabril 1878/1930**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. p. 23.

15 ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 126. O acervo do BNM e demais informações sobre o projeto podem ser consultados online. Cf. BNM Digital. Disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

Manoel Ferreira de Lima foi um militante comunista, líder rural e diácono da Igreja Batista, que “vivia buscando na Bíblia similitudes com o marxismo”.<sup>16</sup>

À época do matrimônio, o casal Lúcia e Manoel já se identificava politicamente com o Partido dos Trabalhadores (PT), tendo o companheiro se candidatado a deputado estadual pela legenda nas eleições de 1986 e falecido poucos anos depois, não chegando a receber em vida a medalha Chico Mendes, prêmio concedido a ele pelo grupo Tortura Nunca Mais, em 1989.<sup>17</sup> Em seu sepultamento, realizado no cemitério de Santo Aleixo, agentes infiltrados da polícia militar estiveram no local e emitiram um informe ao Serviço Nacional de Informações (SNI): “Durante o velório, a bandeira do PT cobriu o ataúde, sendo que algumas pessoas foram fotografadas junto ao morto. Entre os presentes destacou-se Luís Carlos Prestes, que falou em nome dos ‘Comunistas Revolucionários’”.<sup>18</sup>

Viúva, Lúcia de Souza residiu por décadas no mesmo terreno que seus pais conseguiram comprar com tanto esforço, a fim de não dependerem das casas da vila operária, construída pela fábrica. Ela recordava que, no início, a família construiu uma casinha de zinco para se instalar no local e com o tempo foi melhorando a construção. Tendo falecido em 2016, ela se sentia orgulhosa de possuir sua própria casa, da qual se ausentava somente para frequentar os cultos na igreja, e de chegar ao final da vida com dignidade.

(...) Não tenho arrependimento de nada do que fiz na minha vida, das lutas que eu participei como operária lutadora. Não tenho arrependimento de nada. Tudo o que eu fiz não foi por interesse de nada, não fiz nada pra me vingar de ninguém. Eu participava no meio dos comunistas porque naquela época, né... Mas eu nunca me considerei comunista. Nem nunca botei, conforme muita gente botava, foto de Luís Carlos Prestes no peito, nem aquela foice e martelo, nunca botei nada no meu corpo. (...) Até hoje os trabalhadores são explorados, e eu sempre lutei contra a injustiça. (...) Nunca, eu nem meu marido, dissemos que somos comunistas. Nós somos socialistas, a gente pensa no social, na igualdade, na justiça. Mas naquele tempo a gente vivia com aquele povo todo, né, então diziam que a gente era comunista (...).<sup>19</sup>

Como é possível perceber, este outro depoimento de Lúcia de Souza foi concedido à historiadora Juçara da Silva Barbosa de Mello, em 2007, cinco anos antes da entrevista para a cineasta Taiane Linhares. Em ambos, aquela tentativa de escamotear sua militância comunista se mantém, bem como a narrativa religiosa.

(...) Tirei meu tempo de trabalho todinho, lutei ao lado dos trabalhadores e estou aqui graças a Deus. Agora estou só esperando a “chamada”. Tenho até uma passagem do apóstolo Paulo no livro de Timóteo que eu quero que leiam: “combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé”.<sup>20</sup>

16 SANT’ANNA, op. cit., 1997, p. 156.

17 Em 2011, Manoel Ferreira de Lima foi retratado em uma publicação sobre personagens atuantes na militância camponesa, vinculada ao projeto “Direito à Memória e à Verdade”, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). Cf. CARNEIRO, Ana; CIOCCARI, Marta. **Retrato da repressão política no campo – Brasil 1962-1985: camponeses torturados, mortos e desaparecidos**. Brasília: MDA, 2011. p. 197-198.

18 POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (PMERJ). Informe nº 00376-20/89/2EM/PMERJ. Confidencial. fl. 1. Acervo: SNI – Arquivo Nacional (AN), 9 ago. 1989.

19 Entrevista de Lúcia de Souza concedida a Juçara Mello. 10 out. 2007. Acervo da pesquisadora.

20 Entrevista de Lúcia de Souza, op. cit., 2007.

Aqui neste artigo estas declarações são reiteradas propositadamente, pois em diversas ocasiões, durante apresentações de trabalhos derivados desta pesquisa, surgiram questionamentos sobre possíveis ambiguidades entre a religiosidade evangélica e a militância comunista. Da mesma forma, as variadas referências à atuação de Irun Sant’Anna também eram ponderadas, sob o argumento de que uma “autêntica” história operária não deveria evidenciar o protagonismo de um médico.

Desse modo, partindo da perspectiva de uma história social do trabalho, o presente texto pretende esmiuçar tais indagações, em diálogo com as proposições de E. P. Thompson<sup>21</sup> e Mike Savage,<sup>22</sup> sobretudo no que se refere à análise dos elementos atuantes no processo de formação de classe, suas redes de contato e também alguns personagens mediadores, em particular o médico Irun Sant’Anna.

## Um médico comunista em Magé

AO LONGO DAS PRIMEIRAS décadas do século XX, Magé registrou diversos surtos de doenças, como a varíola,<sup>23</sup> a gripe de 1918 – também conhecida como “gripe espanhola”, a febre amarela e a malária. Esta última foi a que mais grassou no município, perdurando por quase 30 anos ininterruptamente e adquirindo proporções avassaladoras. Um exemplo desse impacto é quando comparamos dados dos recenseamentos de 1920 e 1940, pois nesse intervalo de 20 anos, o quantitativo da população de Magé apresentou um crescimento de aproximadamente 27%, passando de 18 para 23 mil habitantes, um índice abaixo do percentual de crescimento nacional para o mesmo período, cerca de 34%.

Desde a década de 1930, vinham sendo registrados seguidos casos da doença no município, com a ocorrência significativa de óbitos. Somente entre os anos de 1942 e 1947, foram computados 16.388 casos de malária com vítimas fatais.<sup>24</sup>

Na realidade, não apenas Magé, mas diversos outros municípios litorâneos brasileiros sofriam com seguidos casos de malária, gerando inclusive, no início da década de 1940, ações mais específicas por parte do governo federal no combate à doença. Em 1941 foi criado o Serviço Nacional de Malária (SNM), estabelecendo repartições no Nordeste e na Baixada Fluminense nos anos de 1939 e 40, respectivamente. No Nordeste, a organização permaneceu sob a administração conveniada da Fundação Rockefeller.<sup>25</sup>

21 THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

22 SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho. In: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). **Culturas de classe: identidades e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 25-48; SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. In: **Revista Mundos do Trabalho**, v. 3. n. 5. jan-jun/2011. p. 6-33.

23 PORTELLA, Eduardo. A varíola em Magé, 1913: memória apresentada à Inspeção Geral de Higiene do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Aurora, 1913. É possível acessar essa publicação no Repositório Institucional de Múltiplos Acervos (RIMA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/92>. Acesso em: 1º maio 2022.

24 Dados do Departamento Nacional de Endemias Rurais. Apud: SANTOS, Renato Peixoto dos. **Magé: Terra do Dedo de Deus**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. p. 201-202.

25 A Fundação Rockefeller foi criada em 1913, nos Estados Unidos da América, por John D. Rockefeller, com o

Essas ações tinham como função principal combater o mosquito ainda em sua fase larvária. No entanto, elas não alcançaram o êxito esperado. Somente em meados da década de 1940 que o combate à malária foi intensificado e aperfeiçoado. Os casos mais graves da doença só começaram a diminuir vertiginosamente a partir do uso do DDT.<sup>26</sup>

Justamente nesse contexto que surgiu a figura do médico Irun Sant'Anna, nomeado para atuar em Magé como médico malariologista. Nascido no bairro de São Cristóvão, no então Distrito Federal, em 1916, Irun afirmava ter lido pela primeira vez o Manifesto Comunista aos 11 anos de idade, bastante motivado por seu professor ginasial de História. Posteriormente, simpatizou-se ao PCB e, aos 18 anos, ingressou na Aliança Nacional Libertadora (ANL), filiando-se em seguida ao partido e dando início a uma “militância desenfreada”, como ele próprio definiu.<sup>27</sup>

Paralelamente, o jovem Irun formou-se médico, em 1938, na Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ingressando no ensino superior em 1933, começou a militar no movimento estudantil, chegando a assumir o ambulatório da Casa do Estudante do Brasil (CEB), tendo sido, no ano em que concluiu o curso de medicina, um dos fundadores da União Nacional dos Estudantes (UNE), sendo o último deles a falecer, em 30 de dezembro de 2012, aos 96 anos de idade. A UNE chegou a homenageá-lo por ocasião da retomada de sua antiga sede, na Praia do Flamengo, e o lançamento das celebrações dos 75 anos da entidade.

Após sua formatura em medicina, Irun Sant'Anna fez o curso de Saúde Pública, especializando-se em malariologia, sendo logo designado para atuar no Nordeste.

(...) Então eu fui estudar o quê? Problema de saúde pública! Que atingia o povo brasileiro em geral. Eu saio da faculdade, me especializo em malária e começo a trabalhar lá no Ceará com os americanos... A minha primeira mulher faz pressão para eu largar aquilo. (...) Eu, recém-casado, minha mulher trabalhando aqui no Rio. (...) Eu fiquei chateado com aquilo (...), pois era muito entusiasmado com a saúde pública, de maneira que tudo que eu fazia em saúde pública estava em primeiro lugar (...). Venho pra cá [para o Rio de Janeiro] e quando chega nos anos 40, exatamente em junho de 40, me oferecem um emprego de médico malariologista no estado do Rio (...) Eu impus como condição: eu quero um lugar onde eu possa ir e voltar todo dia! Aí procuram lá: ‘Só tem Magé! (...) É uma hora e vinte [minutos] daqui, tem um trem pra lá de manhã cedo e trem pra cá de tarde... Está satisfeito aí sua vontade!’<sup>28</sup>

Faz-se necessário observar o destaque que a saúde pública vinha adquirindo no cenário nacional desde a década de 1930, inclusive com um evidente processo de diferenciação

---

objetivo de implantar em vários países medidas sanitárias baseadas no modelo estadunidense, priorizando o controle internacional sobre a febre amarela e a malária.

26 Abreviatura de dicloro-difenil-tricloreto, possante inseticida utilizado no combate à malária, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Apesar de ter sido sintetizado em 1874, foi apenas no ano de 1939 que o químico suíço Paul Muller descobriu suas propriedades inseticidas, fazendo-o despontar como alternativa ao quinino, substância até então utilizada no combate à doença. Por esta descoberta, o cientista suíço recebeu o prêmio Nobel de Medicina, em 1948. No Brasil, o DDT foi introduzido em 1945, sendo utilizado de forma sistemática e intensa pelo SNM já no ano seguinte.

27 SANT'ANNA, op. cit., 1997. p. 153.

28 Entrevista de Irun Sant'Anna concedida à autora deste artigo em 6 abr. 2006.

entre médicos clínicos e sanitaristas/higienistas, difundindo sobremaneira os cursos de especialização médica em saúde pública. E a formação profissional de Irun Sant'Anna esteve inserida nesse contexto.<sup>29</sup>

(...) Daí fui tomar conhecimento de Magé, fui procurar me informar... Aí descobro o seguinte: que Magé, município rural, extensíssimo de terra, uma porção de fazendas em decadência, ainda do tempo do Império... E Magé tinha cinco fábricas de tecidos e mais umas fabriquetas em volta (...).<sup>30</sup>

De acordo com Irun, quando constatou que Magé seria uma boa oportunidade de “unir o útil ao agradável”, ou seja, aliar o combate à malária com a militância comunista junto aos operários, buscou logo assegurar a vaga oferecida.

Assim que chegou a Magé para assumir como médico no então Serviço de Malária da Baixada Fluminense (posteriormente unificado ao SNM), metade da população residente no centro do município havia contraído malária, sendo identificados anualmente cerca de três mil malarientos: “Todo mundo já esperava, todo ano, ter malária! A cidade de Magé [1º Distrito, região central] tinha uns cinco mil habitantes na época e, desses, eu tinha uma média de 2.700, três mil com malária todo ano!”.<sup>31</sup>

Ocupado no combate à doença que assolava diversas regiões do município, o médico só passou a ter contato efetivo com os operários de Santo Aleixo e Pau Grande posteriormente, já que esses locais estavam situados em áreas próximas à serra dos Órgãos, apresentando um clima menos propenso à malária. Alguns casos até chegaram a ser registrados no princípio da década de 1940, provocando inclusive a suspensão das aulas em algumas escolas, mas logo esses casos foram controlados.

(...) Em Santo Aleixo eu comecei a ir, mais ou menos, em 44, porque não tinha o que fazer lá! Era um lugar sadio! Eu fui pra lá pouco a pouco, por ligações políticas (...). O ódio da classe operária pelo patrão naquela época era tão grande... Eu só ficava orientando... porque tinha uns malucos: ‘Vamos matar o contramestre!’ Que vai matar coisa nenhuma! Tira isso da cabeça!<sup>32</sup>

Paulatinamente, o médico começou a se aproximar das lideranças operárias que encontrou em Magé, articulando conexões com as propostas do PCB e, simultaneamente, conquistando respeito e admiração da comunidade, onde suas atividades médicas e comunistas se confundiam, garantindo-lhe prestígio. O operário Paulo Lopes, por exemplo, qualificou o médico como “um grande homem”, afirmando que ele “era dos vermelhos mesmo”.<sup>33</sup>

O médico também manteve forte ligação com os operários têxteis das fábricas Pau Grande e Cometa, esta última localizada na divisa de Magé com Petrópolis, bem como

29 HOCHMAN, Gilberto. **Regulando os efeitos da interdependência**: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). Estudos Históricos, v. 6, n. 11. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993.

30 Entrevista de Irun Sant'Anna, op. cit., 2006.

31 Entrevista de Irun Sant'Anna, op. cit., 2006.

32 Entrevista de Irun Sant'Anna, op. cit., 2006.

33 Entrevista de Paulo Lopes concedida a Juçara Mello em 2005. Acervo da pesquisadora.

participava de manifestações com trabalhadores da fábrica de pólvora Estrela, localizada no bairro de Raiz da Serra, próxima à Pau Grande.

Na [fábrica] de Meio da Serra [a Cometa], pertencente ao pai de Tristão de Athayde [pseudônimo de Alceu Amoroso Lima], quatro militantes me impressionavam: Jurema, seu futuro marido Nelson, Trajano, Argemiro. A eles fiquei tão ligado que num carnaval deixei a família para brincar com o operariado comemorando greve recente, vitoriosa. Em Pau Grande: Feliciano Costa, Malinovsky, Evangelino, Vitalino e, numa segunda geração, Darcy Câmara e Petronilho marcaram sua presença em greves memoráveis, tanto mais memoráveis quanto porque reprimidas pelas guarnições da vizinha fábrica de pólvora do Exército. Meio da Serra e Pau Grande deram votações tão esmagadoras ao Partido Comunista na primeira eleição pós-guerra que a região era apelidada pelos reacionários como *Moscouzinho* de Magé, enquanto, pelo mesmo motivo, Santo Aleixo e Andorinhas eram *Stalingrado*.<sup>34</sup>

Além de atuar nessas campanhas junto ao operário mageense, Irun Sant'Anna também teve uma participação bastante interessante no desporto da cidade. A sede do SNM funcionava em um sítio alugado, onde bem atrás existia um terreno baldio. Alguns guardas sanitaristas então procuraram o diretor da repartição, Gustavo Ferraz, pedindo autorização para roçar o terreno e fazer dele um campo de futebol. Com o aval do diretor, os guardas começaram a jogar futebol todas as tardes, até que resolveram formar um time para disputar o campeonato mageense, promovido pela Liga Mageense de Desportos (LMD), existente desde 1942. O time formado basicamente por funcionários da repartição, apesar da breve duração, chegou a conquistar o vice-campeonato mageense em 1944.<sup>35</sup>

(...) Fundamos o Nacional Futebol Clube, que, por influência minha, tinha que ser vermelho e ter uma estrela na bandeira, já que a União Soviética, além da foice e do martelo, tinha uma estrela dourada. E foi um grande time de futebol (...).<sup>36</sup>

## Breve legalidade do PCB e reconexões com a classe trabalhadora

DESDE O ADVENTO da Segunda Guerra Mundial, o PCB vinha buscando a reconquista de sua legalidade, quando inclusive o partido redefiniu sua posição frente ao novo quadro político, sob o comando de Luís Carlos Prestes e orientação da URSS. O partido já vinha defendendo uma política de “União Nacional” desde 1943, inclusive apoiando o governo de Getúlio Vargas, no afã de consolidar a democracia no país e conter iniciativas de caráter fascista. Essa nova postura dos comunistas brasileiros, no entanto, foi sendo consolidada paulatinamente, devido a divergências internas no partido.

(...) Para uma parte dos militantes, a situação era no mínimo constrangedora. Durante o Estado Novo, o PCB havia sido dizimado. Centenas de comunistas foram presos e muitos torturados. A proposta de União Nacional provocava

34 SANT'ANNA, op. cit., 1997. p. 154-155.

35 **O Jornal**, p. 10, 24 out. 1944. Acervo: Biblioteca Nacional.

36 Entrevista de Irun Sant'Anna, op. cit., 2006.

descontentamentos e perplexidades. Coube ao próprio Prestes fazer um trabalho de convencimento junto aos seus companheiros de partido (...).<sup>37</sup>

Na realidade, no início dos anos 1940, o PCB encontrava-se bastante desarticulado, formado por núcleos dispersos pelos estados da Bahia e de São Paulo e pelo Distrito Federal, tendo em vista que a maioria dos seus dirigentes foi detida durante o Estado Novo. Nesse período, os núcleos carioca e baiano, basicamente, constituíram a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), grupo encarregado da reestruturação do partido, que pregava o imediato apoio ao governo brasileiro e mantinha estreito contato com Prestes, que se encontrava preso. Convém ressaltar que o próprio Irun Sant'Anna participou de reuniões no Rio de Janeiro visando à criação dessa comissão.

Com o advento da CNOP, o PCB se reorganizou, conseguindo inclusive realizar, no ano de 1943, sua II Conferência Nacional, em plena clandestinidade. Conhecida como a Conferência da Mantiqueira, essa reunião contou com a presença de diversos delegados do partido, vindos dos mais diversos estados do país, na qual se tornou vitoriosa a tese de União Nacional. Por fim, no processo democrático brasileiro pós-guerra, o PCB conseguiu reconquistar a legalidade.

Em Magé, esse contexto representou a reconexão do partido com a classe trabalhadora, articulando antigas e novas lideranças operárias locais. A partir de 1942, na cidade foram realizadas campanhas contra o fascismo, pela declaração de guerra do Brasil contra o Eixo, pelo envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos da Europa e pelo apoio a esse contingente brasileiro guerreando na Itália.

(...) Conseguimos mobilizar a massa mageense para exigir que o Getúlio [Vargas] declarasse guerra ao Eixo... (...). Isso foi plano do partido, não meu! Conseguimos isso... Comissões para que o Brasil enviasse uma força expedicionária... (...) Mas eu sou o responsável por isso, por todo esse movimento patriótico, na luta contra o fascismo. Fui eu quem dirigi no município, todo ele (...).<sup>38</sup>

O ambiente da Segunda Guerra Mundial repercutiu de tal maneira no município de Magé que o empresário Hermann Mattheis, de família alemã e gerente da fábrica Andorinhas, chegou a ser alvo de críticas dos militantes comunistas, devido a sua nacionalidade e alguns parentes ligados ao governo da Alemanha. Talvez por isso tenha sido publicada, em 1943, uma reportagem no periódico *Diário da Manhã* que ocupou uma página inteira, enaltecendo tanto a qualidade dos produtos da fábrica Andorinhas quanto sua “obra de brasilidade”: casas construídas para famílias operárias, valorizando aspectos de conforto e higiene, além do “belo aspecto”, pois foram todas pintadas de verde e amarelo, produzindo “uma ótima impressão a quem visita aquele importante estabelecimento industrial”. De acordo com a publicação, o próprio gerente Hermann Mattheis acompanhou a reportagem,

37 PANDOLFI, op. cit., p. 138.

38 Entrevista de Irun Sant'Anna, op. cit., 2006.

ênfatizando que em sua fábrica todos os novecentos operários encontravam-se devidamente registrados no Ministério do Trabalho. Ao final, despediu-se declarando: “Aqui se trabalha para o desenvolvimento e o progresso da indústria nacional, e, portanto, para a grandeza do Brasil, que tem o presidente Getúlio Vargas a animar-lhe os destinos para o futuro brilhante que lhe está reservado”.<sup>39</sup>

Findada a guerra e o Estado Novo, o PCB reconquistou a legalidade de seu registro partidário e passou a vislumbrar sua participação nos iminentes processos eleitorais para a Presidência da República, o Senado, a Câmara Federal, os governos dos estados, as assembleias legislativas, as prefeituras municipais e suas respectivas câmaras de vereadores. Nesse processo, um importante elemento de comunicação para o partido foi a criação do periódico *Tribuna Popular*, que funcionou entre maio de 1945 e dezembro de 1947, quando foi empastelado pela repressão.

Nesse jornal foram publicadas dezenas de reportagens sobre a classe trabalhadora têxtil de Magé e suas reivindicações. Algumas delas permitem verificar elementos da mencionada reconexão com sua base operária no município. Um exemplo era a menção às lutas passadas desses trabalhadores e trabalhadoras, ênfatizando que era “uma terra onde o integralismo não conseguiu penetrar”,<sup>40</sup> entre outras referências de mobilizações protagonizadas por tecelões e tecelãs da cidade. Um episódio que ilustra bastante esse diálogo com a trajetória do grupo se deu durante uma matéria publicada no *Tribuna Popular*, quando o contramestre da fábrica Santo Aleixo, Agenor dos Santos, que estava concedendo uma breve entrevista ao jornal, acabou indagando a equipe de reportagem sobre a Greve do Pano, ocorrida em 1918 e que se tornou um marco na memória operária local:

O Sr. já ouviu falar na ‘União dos Operários das Fábricas de Tecidos’ de Santo Aleixo? Pois então escute. Quando acabou a Primeira Guerra Mundial, em 1918, correu aqui um boato de que a revolução social havia estourado na Europa e no Rio de Janeiro. Imediatamente os líderes da União dos Operários das Fábricas de Tecidos, entre eles, o velho Guilhermino, fizeram um comício e depois marcharam a pé com o povo de Santo Aleixo com destino a Magé. O objetivo era tomar a cidade e dar-lhe um governo nitidamente operário e popular. Lá chegando o povo, que estava desarmado, foi recebido e dispersado a bala por forças policiais. Alguns de seus líderes foram presos e torturados selvagememente, outros caçados como feras pelos matos. Vive aqui ainda um velho, que dormiu dentro de um buraco, feito [no meio do] mato, durante mais de 15 noites.<sup>41</sup>

Também vale destacar a visita do então senador Luís Carlos Prestes ao município de Magé, em 1946, com cobertura tanto do *Tribuna Popular*<sup>42</sup> quanto dos investigadores da polícia política, que registraram suas impressões em um minucioso documento interno.<sup>43</sup>

39 *Diário da Manhã*, p. 3, 22 jun. 1943.

40 *Tribuna Popular*, p. 8, 4 jul. 1945.

41 *Tribuna Popular*, p. 8, 13 abr. 1946.

42 *Tribuna Popular*, p. 1, 27 out. 1946.

43 DIVISÃO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL (DOPS). Parte de Serviço do investigador Austrícliano da Silva ao Comissário Geral Heráclito da Silva Araújo. Acervo: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Niterói: 29 out. 1946.

Na ocasião, Irun Sant'Anna era o presidente da Comissão de Finanças Pró-Imprensa Popular de Magé. A partir dessas comissões, existentes em vários municípios, o PCB criou, no ano seguinte, o Movimento de Auxílio à Imprensa Popular (MAIP), solicitando ajuda financeira de militantes e simpatizantes para manter os jornais do partido e seus afiliados.

Se, por um lado, na visão dos comunistas, o município apresentava um período de “êxito democrático”, tendo o PCB recebido “o mais entusiástico e caloroso apoio de todo o povo mageense”,<sup>44</sup> conforme noticiaram seus jornais; por outro, portanto, Magé despontava como uma “infeliz cidade”, pela “grande quantidade de micróbios moscovitas lá estagnados, à espera da Lei de Segurança, o desinfetante ideal para tais germes”, tal como enfatizaram os agentes da polícia política, principalmente após o PCB ter novamente seu registro partidário cassado, em 1947.<sup>45</sup>

Foi exatamente nesse efervescente período de mobilização operária no município de Magé em torno do partido que se constituiu uma geração de trabalhadores e trabalhadoras atuantes no partido, incluindo aí Lúcia de Souza e Manoel Ferreira de Lima.

Uma das características dessa geração foi lutar ativamente para eleger vereadores na Câmara Municipal e, simultaneamente conquistar as direções dos sindicatos têxteis locais, em Santo Aleixo e Pau Grande. Os comunistas só conseguiram estar em chapas eleitas nessas entidades sindicais na segunda metade da década de 1950. No entanto, em relação à vereança, entre as eleições municipais de 1947 e 1962, os comunistas conseguiram eleger uma quantidade expressiva de representantes em todos os pleitos no período, por meio de legendas emprestadas, por conta da cassação do PCB.

Em 1947, foram eleitos pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) o médico Irun Sant'Anna, o comerciante e ex-operário têxtil José Muniz de Melo (licenciado durante o mandato), os tecelões Feliciano Costa e Agenor dos Santos, e o ex-operário da fábrica de pólvora Argemiro da Cruz Araújo (suplente empossado durante o mandato). Esses vereadores tiveram seus mandatos cassados arbitrariamente em 1948 e os tecelões que militavam no partido foram duramente perseguidos, inclusive com presença policial dentro das fábricas. Em 1950, elegeram-se pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN) o eletricitário José Aquino de Santana, o tecelão Petronilho Alves (diplomado e empossado somente no final do mandato) e a tecelã Ilza Gouvea (suplente empossada no início do mandato). Em 1954, foi eleito pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) o líder camponês e ex-operário têxtil Manoel Ferreira de Lima. Em 1958 e 1962, foram eleitos e reeleitos pelo PSB os operários Astério dos Santos e Darcy Câmara.

44 **Tribuna Popular**, p. 8, 26 out. 1946.

45 DOPS. Parte de Serviço do Comissário Chefe da SOS, Nabuco da Silveira Couto ao Comissário Geral da DOPS, Heráclito da Silva Araújo. p. 2. Acervo: APERJ. Niterói: 10 jan. 1949.

## Traumas e interditos

NESSA INSTIGANTE TRAJETÓRIA da militância comunista em Magé entre as décadas de 1940 e 1960, sua militância vivenciou momentos de forte repressão, particularmente no contexto de cassação do PCB, em 1947, e do golpe que destituiu o governo do presidente João Goulart, em 1964. Por sinal, esses dois episódios marcaram profundamente a história do partido a nível nacional, como bem definiu em uma entrevista o dirigente sindical têxtil do Rio de Janeiro Hércules Corrêa, um dos líderes do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) no contexto pré-1964.

(...) E assim você tem documentos pelo Brasil afora que dá o tamanho da tragédia. Então o partido sofreu um trauma. O partido aí sofreu um trauma violento, entendeu [em 1964], como sofreu o partido em 47 e 48. Ele sofreu um trauma violento (...).<sup>46</sup>

Em relação à cassação do PCB, em maio de 1947, houve uma intensa discussão jurídica sobre os mandatos de parlamentares que já haviam sido eleitos pelo partido anteriormente. No entanto, mesmo aqueles comunistas que foram eleitos por meio de legendas emprestadas, como foi o caso de Magé, a ameaça se manteve.

Em um Legislativo composto por 13 vereadores, o PCB de Magé conseguiu eleger, via PTB, quatro parlamentares, entre eles o próprio médico Irun Sant'Anna, além da primeira suplência.

Embora tenham conquistado uma adesão bastante significativa, os comunistas não passaram ilesos aos traumas. Em menos de um ano de mandato, esses vereadores, inclusive o primeiro suplente, sofreram um duro processo de cassação, iniciado na própria Câmara pelos membros do Partido Social Democrático (PSD), sob a liderança do presidente do Parlamento, o médico Radamés Marzullo. Os pessedistas argumentavam que aqueles vereadores eleitos pelo PTB eram declaradamente comunistas, todos fichados no DOPS, e que o próprio parecer do procurador regional eleitoral, consultado pela Câmara, sugeria a cassação dos mandatos, cabendo então ao Legislativo municipal despachar nesse sentido. Desse modo, em 13 de agosto de 1948, o Legislativo mageense votou pela cassação dos vereadores comunistas. Mas eles não desistiram. O caso chegou a ser debatido no Congresso Nacional e noticiado em jornais de grande circulação. Além disso, eles recorreram à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) e iniciaram uma intensa campanha pelo resgate de seus mandatos. Após alguns meses de tramitação, a Comissão de Justiça da ALERJ opinou favoravelmente ao restabelecimento do mandato dos vereadores comunistas, em 1º de dezembro de 1948, tendo como relator o deputado pessedista Hamilton Xavier. Os comunistas mageenses festejaram bastante, realizando comícios em diversos pontos do município – sobretudo nos

46 Entrevista de Hércules Corrêa [s.d.]. Acervo: Arquivo Edgard Leuenroth. Trecho publicado na série especial de podcast Vozes Comunistas, produzida pelo Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT). Disponível em: <https://lehmt.org/vozes-comunistas-02-hercules-correa/>. Acesso em: 2 maio 2022.

bairros operários – e aguardavam a próxima sessão da Câmara Municipal para retomarem seus mandatos.

Cumprindo determinações do Sr. Delegado-Adjunto desta Divisão, segui para o município de Magé, chefiando uma turma de investigadores (...). Devidamente comandado, segui também para aquele município, um choque da Polícia Militar do Estado, composto por 12 soldados, armados de fuzil e cassetete; todo este pessoal seguiu para aquela comarca, a fim de proceder policiamento de ordem política e social, em virtude de constar estarem os comunistas daquela localidade, chefiados pelo Dr. Irun Sant'Anna e Israel Jacob Averbach, ambos ferrenhos adeptos do vigarista Luis Carlos Prestes, brasileiro por casualidade e russo por perversidade, fazendo comício em praça pública em prol do PCB e soltando fogos na via pública em grande quantidade sem a devida autorização (...). Nos referidos comícios-volante, os oradores atacaram o prefeito e a Câmara local, e bem assim a Polícia, taxando-os de Fascistas, além de adiantarem também que haviam ganho a causa na Assembleia Legislativa do Estado e que iriam voltar aos seus antigos postos, carregados pelos braços dos operários que os elegeram e que neste dia iriam exigir que fosse feito feriado em todo aquele município afim de melhor festejarem a vitória, aparentemente do PTB, mas que na realidade, nada mais é do que do PCB (...). Esclareço ainda que a intenção dos componentes daquela Câmara não é boa, pois que consta que se os vereadores expulsos daquela Casa tiverem efetivamente ganho de causa, eles não permitirão que os vereadores comunistas expulsos tomem mais assento naquela Casa, o que acarretará, ao meu ver, graves consequências, em virtude de, além de ser atrevido o Irun, a massa comunista de Magé está, como sabemos, concentrada nas fábricas de tecidos lá existentes (...).<sup>47</sup>

O desfecho de todo esse processo de cassação ocorreu no mês de março de 1949, durante a primeira sessão da Câmara Municipal de Magé após a decisão da ALERJ. Os ex-vereadores, ao tentarem retornar às suas funções, foram impedidos pela polícia, sendo expulsos da casa legislativa.<sup>48</sup> E a repressão aos comunistas não se restringiu àqueles com mandato eletivo na Câmara. Diversos operários ligados ao partido também foram perseguidos, inclusive dentro das fábricas.

Fui preso, tirado de dentro da fábrica, 6:30 da manhã, na época do Eurico Gaspar Dutra (...). Me tiraram de dentro da fábrica, me levaram para a delegacia e aí o 'pau comeu'. Depois me botaram dentro de um carro... Me jogaram no mato e me bateram muito, depois me levaram pra Niterói, eu fiquei lá três dias... Eles batiam mesmo pra valer, não sei como é que aguentei tudo isso.<sup>49</sup>

De fato, esse período de repressão imprimiu marcas indelévels na memória tanto dos militantes do PCB mageense quanto dos trabalhadores têxteis locais, sobretudo após a cassação dos vereadores comunistas na Câmara. Prova disso é que, desde então, eles passaram a atuar de forma mais cautelosa, sem autodenominarem-se “comunistas”, pois foi essa a justificativa para a cassação dos mandatos: o fato daqueles vereadores assumirem-se como tais, inclusive

47 DOPS. Relatório do Comissário Chefe da Seção de Ordem Social, Nabuco da Silveira Couto, ao Comissário Geral Heráclito da Silva Araújo. Niterói: 8 dez. 1948. p. 1. Acervo: APERJ.

48 Os vereadores comunistas foram substituídos pelos suplentes petebistas: Gilberto Câmara, Francisco Mustrange, Paulo Barenco e Maria Clara Rocha, então presidenta do diretório distrital do PTB em Inhomirim. Ao assumir o cargo na Câmara, ela se tornou a primeira mulher empossada vereadora no município de Magé.

49 Entrevista de Paulo Lopes, op. cit., 2005.

mediante reiterados discursos em plenário. Embora o objetivo fosse “eleger comunistas conhecidos em todas as eleições”, os militantes do PCB em Magé passaram a adotar um discurso mais agregador, evitando esbarrar na forte ideologia anticomunista da época.

(...) Nas eleições não se colocava assim abertamente... Todo mundo sabia que Darcy Câmara era comunista, todo mundo sabia que Astério dos Santos era comunista, todo mundo sabia que Ilza era comunista... Agora, ninguém chegava a bater no peito e ‘Olha, eu sou comunista’! Aquilo era deixado para a reunião do partido, onde eles eram conhecidos como tais.<sup>50</sup>

Impedidos de cumprir seus mandatos na Câmara, obstruídos nas entidades sindicais, monitorados pelos órgãos de repressão e dispersos em decorrência da perseguição policial, os comunistas mageenses viram-se forçados a reorganizar seu partido. Seguindo, em parte, a linha política do Comitê Central, fomentaram no município uma série de campanhas de caráter nacional, como aquelas em defesa da paz e do petróleo, citadas pela operária Lúcia de Souza, por exemplo. Simultaneamente, os militantes começaram a participar ativamente da criação de comissões de fábrica para tratar de diversos assuntos, destacando-se as comissões que reivindicavam o abono de Natal, o que garantiu, inclusive, uma frequente inserção dos comunistas nos sindicatos, ainda que de forma paulatina.

Em 1954, Irun Sant’Anna candidatou-se novamente, agora ao cargo de prefeito de Magé pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Conforme depoimento do próprio médico, concedido à UNE durante o Projeto Memória do Movimento Estudantil, sua campanha para a prefeitura era “bem palpável”. No entanto, os comunistas mageenses sofreram outro duro golpe, com a cassação de sua candidatura: “dois dias antes, foi cassado o meu registro”.<sup>51</sup>

Em contrapartida, foi eleito vereador Manoel Ferreira de Lima, também pelo PSB. Ele sempre discursava mesclando luta de classe com alguns versículos bíblicos, pois era integrante da Igreja Batista.

(...) Meu marido fazia campanha e a campanha dele era toda a favor do trabalhador (...), e tinha gente na Igreja que não gostava dele. Ele só fazia campanha política baseada na palavra de Deus. Meu marido era político com honestidade. Ele fazia uns cartõezinhos com o capítulo 5 de Tiago, ele gostava muito porque nesse capítulo chama a atenção dos ricos (...).<sup>52</sup>

Esses cartões foram bastante utilizados durante a sua campanha para vereador. Eles eram confeccionados de próprio punho e seu conteúdo evidenciava conexões entre militância comunista e religiosidade evangélica.

Ao Deus Trino: Fé, Oração, Ação. Manoel Ferreira de Lima. Em defesa do homem físico, moral e espiritual. Quem tem mais deve ajudar quem tem menos, ou restituir aquilo que não foi ganho com honestidade ao legítimo dono. Quem praticar desta maneira terá um lugar nos céus. Porque o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça e paz, e alegria no Espírito

50 Entrevista de Irun Sant’Anna, op. cit., 2006.

51 Entrevista de Irun Sant’Anna à UNE. 14 out. 2004. Cf. UNE. Projeto Memória do Movimento Estudantil. Disponível em: <http://www.une.org.br/2011/09/depoimentos>. Acesso em: 15 maio 2022.

52 Entrevista de Lúcia de Souza, op. cit., 2007.

Santo. Ele exercerá o seu juízo sobre as gentes, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear.<sup>53</sup>

Vale ressaltar que, durante o pleito de 1947, os comunistas também lançaram como candidato a vereador um militante e evangélico da cidade. Antônio de Paula era pastor da Assembleia de Deus e também trabalhava como servente de pedreiro.<sup>54</sup> Ele acabou não se elegendo, mas manteve sua relação próxima ao PCB. Anos mais tarde, Antônio de Paula chegou a ser transferido para outro templo, na cidade do Rio de Janeiro, por conta de sua fama em Magé como “pastor comunista”.<sup>55</sup>

Em uma reportagem mais recente, o ex-operário têxtil José Pereira Leal Neto recordou de um episódio também relacionado ao diálogo que mantinham com religiosos. A gerência de uma das fábricas de Magé pretendia implementar uma jornada de trabalho aos domingos e a decisão seria tomada mediante uma assembleia com os operários. Prevendo que a proposta poderia ser aprovada sem maiores discussões, ele tomou uma decisão: “Corri para a igreja protestante (...) e avisei ao pastor: suas ovelhas vão desaparecer. Com a jornada de trabalho aos domingos sua igreja vai ficar vazia, não vai aparecer ninguém para rezar”.<sup>56</sup> Assim, diversos operários protestantes, a pedido do pastor, compareceram à assembleia e a proposta foi enfim derrotada.

Interessante observar que o operário José Pereira Leal Neto, também conhecido como “Zé Batateiro”, era católico, tendo inclusive participado ativamente da construção do templo dedicado a Nossa Senhora da Conceição, próximo à fábrica Andorinhas.<sup>57</sup>

Ainda sobre aspectos da religiosidade operária, é importante mencionar que, durante a epidemia conhecida como gripe espanhola, a procura pelo Centro Espírita União, Amor e Caridade, localizado em Santo Aleixo, aumentou consideravelmente. “(...) Após a epidemia, o centro passou a ser mais frequentado, com pessoas que primeiro iam à missa e depois às reuniões no centro”.<sup>58</sup>

Fato semelhante ocorreu durante as décadas de 1920 e 1930, com o aumento de casos de febre amarela. Esse cenário, associado ao fechamento temporário de algumas fábricas de tecidos do município por conta da crise mundial de 1929, causou pânico à população. Nesse contexto, foi intensificada a devoção a São Sebastião, considerado por católicos como protetor

53 Conteúdo de um dos cartões distribuídos por Manoel Ferreira de Lima durante a campanha eleitoral. Acervo: Juçara Mello.

54 **Tribuna Popular**, p. 8, 16 set. 1947.

55 Ressalta-se que o pastor Antonio de Paula, atuante junto aos comunistas de Magé, vem a ser avô do atual deputado federal Otoni de Paula, atualmente filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), também pastor evangélico e uma das lideranças do presidente Jair Messias Bolsonaro no Congresso Nacional.

56 **O Dia**, p. 6, 4 jun. 1989.

57 Entrevista de José Pereira Leal Neto ao Grupo Centenário. 1992. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/193>. Acesso em: 1º maio 2022.

58 LAR FABIANO DE CRISTO. Histórico do Centro Espírita União, Amor e Caridade. **Plano de Ação**: Unidade Pólo de Edmundo, 1999. Não paginado. Relatório anual apresentado pela instituição, que mantém uma de suas unidades no referido centro espírita, cujo histórico foi incluído.

contra as pestes (doenças), a fome e a guerra. Em 1922, por exemplo, durante um evento religioso realizado no Rio de Janeiro dedicado ao santo e também padroeiro da cidade, a fábrica Santo Aleixo – representando seus operários e operárias – contribuiu com valores em dinheiro para as festividades.<sup>59</sup> O mais surpreendente em tudo isso é que na década de 1940, durante a construção da vila operária da mesma fábrica, quando foi proposta edificação de um templo dedicado à Sagrada Família pela nova administração, então gerida pelo empresário pernambucano Othon Lynch Bezerra de Mello, “venceu a vontade do povo e decidiu-se que o padroeiro do templo a ser aqui construído seria São Sebastião, em agradecimento às graças recebidas”.<sup>60</sup>

Todas essas experiências operárias ligadas à religiosidade – seja católica, evangélica, espírita, umbandista, candomblecista ou qualquer outra – não anulam necessariamente processos de formação de classe. Inclusive, podem atuar até como um elemento catalisador para o reconhecimento de injustiças, preconceitos e opressões de um grupo social sobre outro. A obra clássica de E. P. Thompson, autor referencial para a história social do trabalho, já sinaliza isso na década de 1960 ao enfatizar o papel decisivo das dissidências protestantes na Inglaterra, desvinculadas da Igreja Anglicana, na constituição do movimento operário inglês. No contexto analisado por ele, as repercussões do livro *Progresso do Peregrino*, de John Bunyan; as pregações populares, com destaque para os metodistas; e a popularização do versículo bíblico “Deus não faz distinção de pessoas” constituíram-se em elementos imprescindíveis para a compreensão da trajetória, formação e história de agência desses trabalhadores e dessas trabalhadoras, pois tal imagística religiosa estabelecia um intercâmbio contínuo com a experiência social dos “de baixo”. “(...) Uma religião que encontrava espaço entre homens humildes, como pregadores locais e líderes de classe, que os ensinava a ler e lhes proporcionava autorrespeito e experiência oratória e organizativa”.<sup>61</sup>

A partir desses pressupostos é possível estabelecer um outro olhar sobre as falas religiosas da operária Lúcia de Souza, inclusive para observar outros aspectos de sua narrativa, que podem passar despercebidos a depender de como se analisa suas entrevistas. Ao abordar sobre suas experiências de luta por direitos, por exemplo, a operária aponta para várias questões de gênero, que permitem maiores discussões sobre a temática, visto que as operárias eram maioria ou, ao menos, uma quantidade bastante expressiva entre a massa trabalhadoras nas fábricas têxteis. “(...) Tinha aqueles grupos que não gostavam de mim. Tinha gente que nem falava com a gente, e eram poucas as mulheres que lutavam, então tinha muito preconceito”.<sup>62</sup> A historiadora Juçara Mello chegou a abordar sobre algumas dessas questões, analisando trechos de entrevistas concedidas por diversas trabalhadoras locais junto a outras fontes históricas.<sup>63</sup>

59 **A Noite**, p. 5, 3 abr. 1922.

60 **Jornal Comunhão**: Informativo da Paróquia de Santo Aleixo, Magé, ano 1, n. 2, p. 1, jan. 1995.

61 THOMPSON, op. cit., p. 49.

62 Entrevista de Lúcia de Souza, op. cit., 2007..

63 MELLO, op. cit., p. 113-134.

Quando falou do seu período escolar, Lúcia de Souza fez questão de protestar contra o esquecimento da professora Ruth Teles de Menezes, que lhe ensinou as primeiras letras. A docente atuou em escolas primárias na cidade de Magé durante as décadas de 1930 e 1940, quando a estrutura da maioria das instituições de ensino locais se resumia a uma casa de três ou quatro cômodos e uma única professora contratada. Lúcia de Souza lembrou da atuação de Ruth Teles de Menezes e criticou que atualmente há duas escolas – uma estadual e outra municipal – com o mesmo nome na cidade, em referência à professora Ruth Taldo França. Para a operária, as duas docentes homônimas deveriam ser homenageadas e apontou o racismo como motivo para sua professora primária não dar nome a nenhuma escola. Além de ser aluna de Ruth Teles de Menezes, Lúcia de Souza chegou a ser convidada a trabalhar junto com sua professora na escola, justamente por sua dedicação aos estudos.

“(...) Antigamente, as pessoas não cursavam outras escolas [para além do curso primário], principalmente no meu caso, que eu era operária, né. Além de tudo negra. Ela negra [refere-se a Ruth Teles de Menezes] e eu negra... (...) Só tenho uma revolta porque os dois colégios, eu acho que continuam Ruth Taldo e tem gente que estudou, ainda estão vivos aí, que estudaram com ela [Ruth Teles de Menezes], mas ninguém tem a coragem de falar, protestar contra isso. E eu continuo protestando. Ela era uma excelente professora (...). Mas porque era negra, só pode! (...) Quando eu falo, todo mundo silencia. Por quê? Depois dizem que não existe preconceito. Que não existe preconceito o quê no nosso país?! Tem preconceito e muito preconceito mesmo! (...) Toda vida eu tive complexo de inferioridade, nunca gostei de aparecer. Então por duas vezes ela [a professora] me convidou pra trabalhar com ela [na escola]. Eu já estava trabalhando, já era operária na fábrica de Andorinhas, eu não quis não. (...) Porque eu não podia estudar mais um pouco. E negra também. As duas. Todas as duas, né... Não, deixa eu ser operária mesmo... (...).<sup>64</sup>

Recentemente, a pedagoga Maria Clara Moreira dos Santos desenvolveu uma pesquisa sobre a trajetória da professora Ruth Teles de Menezes e sua importância para a educação do município de Magé, também denunciando o racismo e a ausência de homenagens à docente.<sup>65</sup> Trabalhos como esse reforçam a reflexão de que há silenciamentos e interditos também por parte de pesquisadores e pesquisadoras em seus estudos.

No que tange à militância comunista em Magé, nas sessões da Câmara de Vereadores da cidade também ocorreram outros episódios relacionados a traumas e interditos no exercício parlamentar de comunistas. Em 1959, por exemplo, o vereador Astério dos Santos, do PSB, que também era presidente do sindicato dos têxteis, foi duramente criticado por seus pares por ter declarado durante o IV Congresso Fluminense de Municípios que o bairro de Pau Grande seria um “campo de concentração”. Entre os parlamentares que criticaram a declaração de Astério dos Santos, destacava-se o vereador Abílio Gomes Vieira, do PSD, um ex-delegado

64 Entrevista de Lúcia de Souza, op. cit., 2012.

65 SANTOS, Maria Clara Moreira dos. **Dona Ruth Telles de Menezes**: mulheres negras que democratizaram o ensino no distrito de Santo Aleixo, Magé/RJ. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Duque de Caxias, 2020.

da cidade. Ele alegou que o comunista “agiu muito mal em dar uma impressão irreal da nossa terra, num conclave de tão grande importância”. Após desencadear diversos apartes em sua defesa, o parlamentar comunista também teve sua atuação julgada pelo vereador Pedro Botelho, do PTB, que considerou sua fala infeliz e impatriótica, faltando-lhe “ética diplomática e política para representar nosso município”. Prosseguiu o vereador argumentando que essa seria uma “técnica de elementos agitadores imbuídos do propósito de convulsionar o meio operário”.<sup>66</sup>

O companheiro de bancada do PSB, Darcy Câmara, saiu então em defesa de Astério, argumentando que a denominação “campo de concentração” teria surgido em uma visita de alunos da Faculdade Nacional de Filosofia à região. Pedro Botelho tomou novamente a palavra, acusando Darcy de comunista. Em um contraparte imediato, o vereador do PSB disse sentir-se muito honrado em sê-lo, tentando logo se justificar. O presidente da Casa, David d’Almeida, do PTB, resolveu, portanto, encerrar aquela reunião, frente aos acontecimentos. Darcy Câmara, antes, solicitou ao presidente sua inscrição na próxima reunião para responder aos vereadores Abílio Gomes Vieira e Pedro Botelho, o que “suscitou no plenário ambiente de grande expectativa”.<sup>67</sup>

Em um contexto onde a posição anticomunista se intensificava, era perceptível que os adversários de Astério dos Santos e Darcy Câmara recorrentemente lançavam mão deste artifício – acusá-los de comunistas – para constrangê-los. Não é à toa que, na sessão seguinte, o vereador Darcy Câmara solicitou uma retificação da ata anterior, substituindo o “honrado em sê-lo” por “agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> o elogio”.<sup>68</sup> Essa atitude se relaciona inclusive com a fala do médico Irun Sant’Anna em entrevista, dizendo que ninguém “batia no peito” para dizer que é comunista. Era como se o trauma da cassação de 1948 – que foi justificada pelo discurso e não por filiação partidária – estabelecesse interditos junto à militância local.

Em outra ocasião, o vereador Domingos José Dias Guerra lançou mão de uma antiga prática legislativa de afronta aos comunistas. Na reunião do dia 27 de novembro de 1961, ele deu entrada em um requerimento de urgência na Câmara, enviando voto de congratulações ao ministro da Guerra “pelas homenagens prestadas às vítimas da Intentona Comunista”, além de trazer ao plenário “motivos fortes que incriminam os comunistas, que no seu entender são todos eles contra a Pátria Brasileira”. Em seguida, foi duramente aparteado pelo vereador Astério dos Santos, iniciando-se uma longa discussão.

(...) Pedindo a palavra, o vereador socialista Astério dos Santos para explanar seu ponto de vista, surgindo daí forte discussão no plenário, levando o Sr. Presidente a suspender a sessão. Reabertos os trabalhos, tem a palavra o vereador Astério dos Santos, que é insistentemente aparteado pelo autor do requerimento, o que leva a Presidência a suspender novamente os trabalhos. Reiniciados os trabalhos, o Sr. Presidente coloca a matéria em votação e é a mesma aprovada. O vereador Domingos José Dias Guerra solicita da

66 CÂMARA MUNICIPAL DE MAGÉ (CMM). Livro de atas n. 21 (10 nov. 1959 a 29 nov. 1960). f. 1v-2.

67 CMM. Livro de atas n. 21, op. cit., f. 2.

68 Ibidem, f. 2v.

Presidência que, de acordo com o Regimento da Casa, faça constar os vereadores que se retiraram do recinto em ata, sendo atendido pela Mesa, que são os vereadores Darcy Câmara e Astério dos Santos (...).<sup>69</sup>

Outra passagem bastante simbólica na Câmara de Vereadores em Magé aconteceu no dia 28 de março de 1959. Nessa ocasião, o vereador Mário Fernandes Maia, do PSD, apresentou um projeto de lei que previa a concessão do título de Cidadão Mageense Honorário ao médico Radamés Marzullo, presidente da Câmara na época da cassação dos mandatos dos vereadores comunistas eleitos em 1948.

Durante as discussões, o projeto não foi aprovado, devido principalmente às contestações dos vereadores comunistas Astério dos Santos e Darcy Câmara, do PSB, alegando que o médico Irun Sant'Anna não recebeu tal honraria. O vereador Mario Maia, em seguida, pediu a palavra, apresentou um abaixo-assinado com mais de 100 assinaturas endossando a sua proposta e convocou seus pares a votarem a favor do projeto, argumentando que Marzullo “é o médico dos necessitados, por isso não votava no Dr. Irun Sant'Anna, médico só de ‘gente bem’ [sic], sendo o médico mais caro do município e que era comunista”.<sup>70</sup>

Em meio a um intenso debate, Astério dos Santos manifestou-se novamente contra o projeto, sendo aparteado por Darcy Câmara, que “leu um artigo do jornal *A Notícia* datado da época em que foram expulsos os vereadores comunistas [em 1948]”.<sup>71</sup>

No registro da ata dessa reunião não há maiores referências sobre a reportagem lida em plenário. Porém, durante a presente pesquisa, o referido artigo foi encontrado. Na edição de 5 de março de 1949, o vespertino carioca *A Notícia* publicou como manchete de primeira página: “Estamos fora da Ordem Legal!”. A reportagem criticava a afrontosa atitude da Câmara Municipal de Magé diante da Constituição Federal, tendo convocado a polícia para impedir o prosseguimento dos mandatos dos vereadores comunistas. O jornal ainda comparou o caso com o dos deputados federais Pedro Pomar e Diógenes Arruda, também declarados comunistas, porém eleitos pelo PSD. Estes não haviam sido cassados pelo Congresso Nacional, justamente por terem sido eleitos por uma legenda considerada legal, assim como os vereadores de Magé, eleitos pelo PTB.

(...) O que à Justiça Eleitoral pareceu repugnante praticar no campo Federal e que o Congresso levou meses para consumir, tal a monstruosidade do atentado, a Mesa da Câmara de Magé resolveu sumariamente, com o agravante de que os vereadores ‘degolados’ não haviam sido eleitos sob a legenda do PCB e sim do PTB. (...) Não parou, porém, aí a inconsciência da Câmara de Magé. Declarado inconstitucional o seu ato, pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio, os vereadores arbitrariamente expulsos tentaram agora, com a reabertura dos trabalhos daquela Câmara, reocupar os lugares que haviam conquistado livre e honestamente nas urnas. E o que foi que aconteceu? Foram impedidos de fazê-lo pela polícia, que, requisitada pela Mesa, lhes bloqueou a entrada no recinto. E o presidente da Câmara, com

69 CMM. Livro de atas n. 22 (30 nov. 1960 a 13 fev. 1962). f. 89-89v.

70 CMM. Livro de atas n. 20 (18 jul. 1958 a 6 nov. 1959). f. 46-46v.

71 Ibidem, f. 46v.

ares mais inocentes desta vida, ainda achou de justificar a segunda violência (...). A Constituição da República, que devia ser um Estatuto Sagrado e respeitado, tem sido vilipendiada por todas as maneiras e – o que é mais grave – por aqueles que a elaboraram e juraram cumpri-la. E muito pior do que não ter uma Constituição é tê-la e não acatá-la. É esse desgraçadamente o nosso caso.<sup>72</sup>

Após lida a reportagem por seu companheiro de bancada, o vereador Astério dos Santos afirmou que o projeto só ganharia o voto do PSB caso o nome de Irun Sant’Anna fosse incluído. O autor do projeto de lei discordou veementemente e a proposta foi posta novamente em votação, sem emendas, sendo rejeitada por sete votos a quatro. Isso foi o suficiente para desencadear uma avalanche de acusações contra Astério dos Santos.

(...) O vereador Paulo Leitão Júnior [do PTB], defendendo o projeto do vereador Mario Fernandes Maia e tecendo comentários a respeito do Dr. Radamés Marzullo, como médico e ainda por ser amigo pessoal do citado cidadão, e acusando o vereador Astério dos Santos, que foi eleito vereador com o dinheiro do Sindicato, que o vereador Astério foi a Volta Redonda e alugou ônibus especiais para aquela localidade com o mesmo dinheiro do Sindicato, que o referido vereador roubou dinheiro do Sindicato para fazer política, que o vereador Astério dos Santos era comunista. A seguir, o vereador Astério dos Santos pediu ao nobre vereador Paulo Leitão Júnior que medisse mais as palavras e ponderasse mais o seu ponto de vista, o que retrucou o vereador Paulo Leitão Júnior pedindo ao Senhor Presidente [da Câmara] que fazia questão absoluta de constar nos anais da Casa a sua afirmação de que o vereador Astério dos Santos roubou dinheiro do Sindicato, que foi eleito com o dinheiro do Sindicato, que fez política com o dinheiro do Sindicato, que pagou aluguel de ônibus para levar trabalhadores a Volta Redonda com o dinheiro do Sindicato. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente convocou os senhores vereadores para a próxima reunião(...).<sup>73</sup>

Apesar das formalidades inerentes à transcrição das atas legislativas, é possível observar o tamanho grau de tensão em que se encontrava o parlamento mageense em meio a esses debates. Entretanto, o que mais interessa aqui, no aspecto simbólico, foi um parlamentar sacar do seu bolso o recorte de um jornal publicado há dez anos para ler em plenário uma reportagem que denunciava a cassação arbitrária de parlamentares comunistas na cidade, entre eles Irun Sant’Anna, para barrar uma homenagem a um dos principais responsáveis por aquele episódio. Tudo isso sem se apresentarem discursivamente enquanto comunistas.

Para a argumentação do presente artigo, todos esses enfrentamentos evidenciam as dificuldades que os vereadores comunistas e a própria militância tinham em se afirmarem como tais, ao passo que também demonstrava a constante vigilância que eles sofriam. “Qualquer movimento popular era considerado comunista. (...) Todo trabalhador que reivindicava direitos era perseguido e era chamado de comunista”,<sup>74</sup> recordou o ex-operário e líder comunista José Rodrigues. Vale ressaltar que essa constatação não se restringiu aos adeptos do partido. “Quem era sindicalista ou frequentasse sindicato era taxado como comunista, todas essas

72 **A Notícia**, p. 4, 5 mar. 1949.

73 CMM. Livro de atas n. 20, op. cit., f. 46v.

74 Entrevista de José Rodrigues a Sandra Scheidegger de Azevedo. 6 jun. 2007. Acervo da pesquisadora.

coisas... Não eram bem vistos não!”<sup>75</sup> lembrou Joaquim Silveira, um ex-operário têxtil local sem qualquer ligação com o PCB.

Com o golpe de 1964, vale dizer, todos esses traumas e interditos foram reforçados junto à militância comunista atuante em Magé, por meio de suas experiências. Assim, é recorrente a fala escamoteada de trabalhadores e trabalhadoras têxteis locais sobre qualquer ligação sua ou de alguma pessoa estimada com o PCB. Esses elementos são perceptíveis mediante densa análise das narrativas operárias e suas trajetórias.

(...) Na época da Revolução (...) danaram a prender gente a torto e a direito, gente que nem nunca tinha entrado naquele sindicato. Meu tio (...) já estava aposentado, sentado no sofá, vieram e prenderam ele também. Prenderam também Nelson, meu cunhado, minha irmã e um outro tio meu. Eles não tinham a ver com o sindicato! (...)<sup>76</sup>

(...) Em 64, houve uma loucura lá, sabe. Negócio de comunismo, né... Inventaram negócio de comunismo! Foram uns dias muito tristes (...). Muito chefe de família ali apanhou desnecessariamente. Falava-se assim: ‘ah, fulano de tal é comunista!’. O cara tava trabalhando, o cara entrava pra trabalhar e a polícia ia lá onde é que tava trabalhando... Arrebenta! E já começava a bater de lá, saía batendo numa pessoa. (...) Houve muita caguetação [denúncias]. (...) Muitos apanharam, mas apanharam muito, levaram o nome de comunista. Muitos apanharam inocentemente. Até hoje se fala comunista, mas, em verdade mesmo, a gente nem sabe o que é comunista... Eles falavam assim pra um meio de atingir as pessoas, sabe...<sup>77</sup>

## Considerações finais

EMBORA SE OBSERVE traumas e interditos relativos ao objeto de pesquisa aqui abordado, é necessário salientar que ainda há análises de pesquisadores e pesquisadoras com noções bastante idealizadas sobre classe que não conseguem conceber interseções entre religiosidade e militância comunista, nem tampouco algumas discretas formas de autoproteção da classe trabalhadora, por vezes até escamoteando sua agência publicamente. Seriam também traumas ou interditos de quem investiga a história do trabalho? Fica registrada a provocação de influência thompsoniana: “Em vez de golpear a história para salvar as categorias, devemos instigá-las com novas análises”<sup>78</sup>.

Neste breve artigo se buscou apresentar personagens, trajetórias, falas e experiências de um grupo específico de trabalhadores e trabalhadoras têxteis com o intuito de trazer à tona algumas questões pertinentes para o estudo sobre comunismo e formação da classe trabalhadora. Foram destacados aspectos traumáticos vivenciados pelo grupo, que levaram a interdições narrativas, alguns deles até de abrangência mais ampla. Simultaneamente, foram levantados elementos de discussão analítica por parte de

75 Entrevista de Joaquim Silveira à Joana Lima Figueiredo. 19 abr. 2008. Acervo da pesquisadora.

76 Entrevista de Lúcia de Souza, op. cit., 2007. Acervo da pesquisadora.

77 Entrevista de Hermínio Santos concedida a Joana Figueiredo. 6 abr. 2008. Acervo da pesquisadora.

78 THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In: \_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 277.

quem pesquisa sobre tais experiências, evidenciando certas negligências, idealizações e até interdições em narrativas históricas.

Sobre um eventual protagonismo do médico Irun Sant'Anna eclipsando a agência da classe trabalhadora, este texto procurou complexificar a análise, a partir do entendimento de que a investigação de certas trajetórias individuais, a despeito de todos os seus privilégios em comparação aos trabalhadores estudados, incluindo aí o maior acesso a fontes sobre sua vida, pode potencializar estudos mais amplos no âmbito da história social do trabalho, mediante intenso cruzamento documental e pesquisas articuladas a longo prazo. Tais trajetórias atuam como personagens mediadores, que seriam “pessoas capazes de se moverem entre as escalas espaciais”, com potencial para exercer “um papel-chave na geração de formas de mobilização política”.<sup>79</sup>

No caso do médico Irun Sant'Anna, especificamente, para além desse papel-chave no próprio contexto histórico analisado, ele também contribuiu no processo de retirada dessas memórias operárias do subterrâneo ao publicizar suas próprias memórias. Além de estimular que operários e operárias também relatassem suas memórias, o médico ainda lançou o seu livro de memórias um ano antes de falecer. A obra intitulada *O garoto que sonhou mudar a humanidade* foi publicada em 2011 pela Fundação Dinarco Reis, entidade ligada ao PCB.<sup>80</sup> Interessante ainda observar que o médico questionava-se com frequência, em livros e entrevistas, se não teria influído nele “um certo grau de obreirismo dos inícios da década de 1930”, referindo-se ao seu incentivo para que novas lideranças operárias surgissem no âmbito da militância comunista em Magé.<sup>81</sup>

Por fim, é inevitável pontuar aqui o quanto essas experiências retratadas podem contribuir não apenas para um debate sobre história do trabalho e do comunismo, mas também para uma reflexão sobre as esquerdas brasileiras em um contexto atual desafiador que tanto carece de reconexões com a classe trabalhadora e os “de baixo”.

Recebido em 21/05/2022

Aprovado em 07/10/2022

79 SAVAGE, op. cit., 2004. p. 42.

80 SANT'ANNA, Irun. **O garoto que sonhou mudar a humanidade**. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011.

81 SANT'ANNA, op. cit., 1997. p. 160-161.